

## DR. MARCEL SIGRIST

*Fernando Mattioli\**\* Doutorando, Unesp/Assis  
(orientador: Ivan E. Rocha).

**D**evo confessar que foi uma surpresa muito grande ter meu pedido aceito para entrevistar um dos maiores pesquisadores das fontes antigas do Oriente Próximo. Seu nome é Marcel Sigrist, Prof. Dr. em assiriologia, atual diretor da *École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem* (EBAF) – um dos maiores centros de pesquisa do mundo em arqueologia. Dr. Sigrist teve sua formação em diferentes centros acadêmicos na Europa, nos Estados Unidos e em Jerusalém. É dono de uma vasta bibliografia e, atualmente, em seu período de férias, tem se dedicado à tradução e catalogação de fontes mesopotâmicas pertencentes a museus europeus e norte-americanos.

Dr. Sigrist deixou de lado a frieza do espaço acadêmico ao falar, de maneira bastante informal, sobre temas relacionados à pesquisa acadêmica nessa área na Europa, Estados Unidos e América Latina, da participação das instituições de ensino superior e dos governos desses países na promoção da pesquisa e suporte a acadêmicos e da dificuldade para encontrar profissionais novos que continuem as pesquisas dessa atual geração. As questões políticas relacionadas à pesquisa mostraram ser uma de suas grandes preocupações. Ele fez comparações diversas sobre a pesquisa em países ricos e pobres, demonstrando o porquê de os países ricos possuírem praticamente toda a produção acadêmica nessa área. Quando disse a ele que não é fácil encontrar seu nome associado a pesquisas na América Latina, ele respondeu de maneira bastante contundente: *“você não precisam de mim! Comprar livros, abrir centros de estudo, manter pesquisadores, não é fácil. Apenas os países ricos têm conseguido fazer isso.* Finalizou com o que para ele parece ser uma constante: *Vários pesquisadores que conheci, que se iniciaram em estudos relacionados ao Oriente Próximo, abandonaram seu campo de estudo inicial por não conseguirem se manter”.* Ele acredita que uma maneira de fortalecer os es-

tudos relacionados ao Oriente Próximo na América do Sul é criando um centro de estudos, sediado em algum desses países e apoiado por todos os outros.

Embora esse não tenha sido o tema proposto para a entrevista, procurei não interromper a exposição de suas ideias, uma vez que sua maneira de pensar reflete muito a realidade acadêmica da maioria dos países latino-americanos. Nós, historiadores da Antiguidade – sobretudo os que se dedicam às orientalidades –, sabemos o quão difícil é a pesquisa nessa área em nosso país. Após discutirmos essas questões, pudemos nos dedicar aos temas propostos para a entrevista, a saber, seu trabalho, as fontes escritas e a relação entre as leis e o controle da violência na Mesopotâmia.

**Você tem viajado por vários países a fim de traduzir e catalogar tabletas de argila da região da Mesopotâmia. Atualmente, com qual material você tem trabalhado e de onde ele seria proveniente?**

As pessoas têm tido a impressão de que eu tenho viajado por várias regiões do mundo, mas, na verdade, eu tenho viajado mais para a Inglaterra – devido ao Museu Britânico – e aos Estados Unidos, onde muitas universidades religiosas possuem tabletas da Mesopotâmia. Assim, a maioria de minhas viagens tem sido para estes dois países. Quanto ao meu trabalho atual, eu tenho me especializado em tabletas da 3ª dinastia de Ur (c. 2112 – 2004 a.C.), ou Ur III, além de tabletas do tempo da Babilônia Antiga. Estes são os tabletas com que eu tenho lidado em Londres e nos Estados Unidos. Isso significa que, na verdade, eu nunca estive trabalhando com tabletas do período neo-babilônico. Eu sou especializado em Ur III e Babilônia Antiga. Para sua informação, digo que em algumas semanas, um grande volume de tabletas do Museu Britânico será publicado. Eles são administrativos e econômicos, de uma cidade ao sul da Babilônia chamada Umma. Qual a ideia por trás da publicação desse tipo de material? É torna-lo disponível para as pessoas. Se um tablete está em um museu, poucos poderão acessá-lo e nem todos os outros podem pagar para vê-lo no museu. Por isso, temos que publicar esse material para torná-lo disponível a todos os assiriologistas e o público geral.

**Que tipos de assuntos podem ser vistos nestes tabletes?**

Todos. Nós temos tabletes que falam sobre todos os assuntos. Da mesma maneira como você compra alguma coisa e recebe um recibo da máquina, então eles tinham recibos de todos os tipos de transações. Além destes, nós também temos literários, legais e poéticos – tudo o que era falado era também escrito.

**Eu sempre pensei que estes tabletes falavam basicamente de assuntos financeiros e administrativos...**

É verdade que a maior parte do que temos está ligado a assuntos financeiros e administrativos, mas também todo o resto. Dependia muito do lugar em que se estava: se se estava na casa de um “erudito”, havia textos de conteúdo mais complexo; se fosse uma casa comum, textos mais administrativos.

**Você já disse algumas vezes que uma das perguntas que os iniciantes mais fazem a você é: “sobrou alguma coisa para fazermos?”. Tal questionamento se deve, evidentemente, ao grande número de traduções e publicações de textos catalogados que você contribuiu ao longo de sua carreira. Eu gostaria de retomar essa pergunta.**

Na verdade, o que eu faço é apenas o começo. O trabalho de catalogação procura saber de onde veio determinado tablete, em que período ele foi escrito (às vezes podemos identificar o dia, o mês e o ano) e sobre o que ele está falando. É como em uma biblioteca. Você não deve pegar o primeiro livro e abrir. Primeiro você olha em um catálogo, tenta encontrar o autor e em seguida vai até o livro. Em um segundo momento, você inicia a fase da pesquisa. Você deve ler o livro, analisa-lo e compreendê-lo. O mesmo acontece com os tabletes. Todos estes tabletes que eu publiquei tornam a vida dos estudantes mais fácil. Assim, se alguém diz: *“eu quero trabalhar com tabletes da Babilônia Antiga”*, ele procura em meu catálogo tudo o que fala sobre a Babilônia. Se ele diz: *“Babilônia de Hamurabi”*, ele irá procurar por todos os tabletes da Babilônia do tempo de Hamurabi. É nesse momento em que se começa o estudo real acerca do que estes tabletes estão falando. Por isso, o que eu faço não é o final, mas apenas o começo.

**Existe ainda alguma coisa para ser traduzida e catalogada?**

Sim, ainda existem vários tabletes e estelas, em alguns lugares, que ainda não foram catalogados e estudados.

Eu tive a oportunidade de visitar o Museu do Cairo recentemente. Lá eu pude ver uma quantidade grande de tabletas expostas. Você acredita que aqueles tabletas foram traduzidos? Sim. Aquelas são tabletas de El-Amarna, do séc. XIV a.C. Todos eles são bastante importantes para entender o período dos cananeus nesta região de Israel. Todos estes tabletas de El-Amarna, do Cairo foram publicados e têm sido estudados por muitos pesquisadores.

Atualmente, após todos esses anos de trabalho intensivo de tradução e classificação, em que nível se encontra a compreensão das sociedades mesopotâmicas? Você tem percebido diferenças desde que você iniciou suas publicações?

Sim. Se alguém publica um estudo sobre Ur III, por exemplo, estas referências serão feitas com o nome de Sigríst. Ele terá de utilizar meu material, caso esteja falando de Ur III, porque só existem essas publicações disponíveis aos pesquisadores. Mas o campo é tão grande que isso irá tomar anos para digerir a informação destes tabletas. Nós temos que catalogá-los, mas em seguida integrá-los em um quadro amplo que nos toma anos. Por exemplo, com Hamurabi nós tínhamos um sistema de “meia-escravidão”, em que indivíduos trabalhavam para o rei e em troca recebiam um pedaço de terra para cultivar. Eles cultivavam essa terra, viviam nela, mas em troca deveriam trabalhar para o rei (assim como é possível ver na Idade Média também). Entretanto, se algum destes homens fosse chamado para o exército, quem cultivaria o campo se sua família e crianças eram muito jovens? Naquele momento nós tínhamos leis, mas independentemente disso, o rei podia dizer: “*este homem que irá fazer isso, mas esse outro tem outras obrigações*”. Por ser uma situação bastante complicada, ele acabava pensando a situação muito rapidamente. Portanto, todas essas coisas necessitam muito tempo de estudo. É como dizer que nós apenas “arranhamos a superfície”, e agora nós temos que entrar.

Eu sei que você teve a oportunidade de conhecer pessoalmente um compatriota famoso, o antropólogo francês René Girard. Em seu mais famoso livro, *A violência e o sagrado*, (*La violence et le sacre*), Girard desenvolve sua ideia principal: o bode expiatório, como uma oferta sacrificial, estaria na raiz do controle da violência nas sociedades primitivas.

**Após esse estágio, as sociedades começaram a criar códigos normativos, com base na religião. É possível perceber tudo isso na Mesopotâmia?**

É equivocado pensar que a violência e o sagrado, da maneira como Girard descreve, estejam presentes apenas nas sociedades primitivas. Você pode encontrá-los na Idade Média ou mesmo em períodos mais recentes da sociedade europeia – na verdade, até na atualidade. Apenas as situações se fazem um pouco diferentes. Você tem a Alemanha contra os judeus ou mesmo hoje com movimentos contra imigrantes. Tudo o que é contra eles é violência. O sagrado, em casos como esses, não necessariamente significa o “paraíso” ou coisas do tipo; mas o fato de se colocar toda a culpa pelo que está errado em apenas alguém ou um grupo humano. Assim, nesse momento, esse alguém ou grupo não pode ser tocado porque eles possuem certo poder que pode matar você (ou às vezes eles têm de ser mortos rapidamente antes que esse poder cresça). Um exemplo pode ser o caso de uma bruxa. Ela pode envenenar todo o bem. Pessoas estão ficando doentes na vila e dizem: *“é essa mulher velha que está envenenando todo o bem”*. Nós sabemos que nos tempos modernos isso era impossível, mas eles faziam isso. Assim, a sociedade isola-a, ou simplesmente a mata para assegurar que isso não ocorra novamente. Esse é um fenômeno que ainda permanece ativo nos dias de hoje onde você isola alguém, coloca toda a culpa nele e então se dá fim a isso.

**Então a existência de códigos penais complexos, como o Código de Hamurabi, não significou o fim do bode expiatório?**

Não. Um bom exemplo é o que ocorreu na Alemanha. Eles tinham as melhores leis do mundo, mas de repente, eles também tiveram o antissemitismo contra os judeus. Hoje, se você vai para o Texas, eles fazem exatamente o mesmo. Eles têm um código de leis, mas ao mesmo tempo eles matam um imigrante clandestino. Dizem: *“você fez isso”*; e antes que se tenha tempo de provar o contrário, ele já está morto. Ocorre que há algo que não se consegue explicar, algo que se pensa ser terrível, e por isso há a necessidade de se encontrar o caos. O caos é sempre alguém “doente”: uma bruxa, um velho, pequenos grupos (nunca um rei), aqueles que não conseguem se defender. Eles são o bode expiatório. No final, faz-se algo para que eles sejam mortos, assim todos ficam aliviados e dizem: *“tudo está limpo novamente”*. Agora é possível ter uma

vida normal novamente – mesmo que no dia seguinte você encontre novos bodes expiatórios e tudo se repita. O bode expiatório é um processo social, o qual você tem que encontrar as tensões sociais existentes ou nascentes na sociedade. Se há alguma tensão se originando, é necessário encontrar a origem do caos. Por isso, a *violence* deve ser entendida como a morte, de alguma maneira, de alguém ou de um grupo, ao mesmo tempo em que se diz que ele tem um poder que de algum modo o diviniza – isso é o *sacré*. Ao invés de apenas mata-los, você os adora e diz: “*pare, por favor, não continue*”. Então essa é a maneira de como algo se torna sagrado segundo Girard.

**O Código de Hamurabi, como sabemos, foi uma grande evolução do campo normativo da Babilônia Antiga, legada também aos povos que a sucederam naquela região. Significou isso que a Babilônia no tempo de Hamurabi, já se encontrava em um estado bastante avançado de controle da violência e da vingança entre os indivíduos?**

Sim, o Código de Hamurabi fez um grande progresso, procurando ser mais justo. Por exemplo, temos o caso do touro. Se esse touro mata uma pessoa, quem é o responsável? É o dono do touro ou aquele que o usava? Se um carro é alugado ou emprestado para alguém e ocorre um acidente, quem é o culpado? O dono do carro ou aquele que o dirigia? Quando isso ocorre com um motorista de taxi, quem é o culpado? Ele ou a companhia? No Código de Hamurabi, havia uma compensação caso alguém fosse morto por um touro. Cada sociedade tenta encontrar uma maneira de ser justa em tais situações, e isso não é violência. Você pode dizer que é violência contra o touro, mas há violência apenas em situações onde algo acontece.

**Eu tenho trabalhado com uma penalidade bastante inovadora para o lugar e período: a expulsão. Ela era utilizada na comunidade judaica de Qumran, entre os séculos II a.C e I d.C. Para seu nascimento, houve a necessidade de uma configuração social bastante particular. Havia alguma penalidade similar a essa encontrada nos códigos penais da Mesopotâmia? Que tipos de punições eram comuns nos códigos mesopotâmicos e qual a mais utilizada?**

No Código de Hamurabi eu não conheço algo que se aproxime da expulsão. A pena de morte existia, mas era aplicada apenas em alguns casos. Outras punições eram utilizadas com

pouca frequência. No Código de Hamurabi é dito: “*se um filho bate em seu pai, eles devem cortar sua mão*”. Há alguns casos como esse, mas a maioria era compensada financeiramente.

**E isso é bastante inovador?**

Sim, isso é. O Código de Hamurabi tenta “monetarizar” a situação e ao mesmo tempo ser justo, trazendo justiça nas situações em que alguém havia sofrido perda ou dano. Quando um touro mata uma pessoa, isso era um dano. Por isso, deveria haver uma compensação – mas o infrator não era morto.

**Quando falamos acerca das sociedades sumeriana, acadiana, babilônica e assíria, parecemos estar discutindo algo muito distante, no tempo e no espaço, de nossa realidade. Por isso, pergunto: você acredita que os estudos sobre essas sociedades podem ser utilizados para a compreensão das sociedades contemporâneas?**

O que se pode perceber com o estudo dessas sociedades é que as sociedades contemporâneas não se desenvolveram tanto. Os problemas, principalmente no campo legal, são os mesmos. Aquele que rouba, aquele que mente, aquele que toma a mulher do próximo; todas essas situações que eles conheciam naquele tempo ainda permanecem nos dias de hoje. O que faz a diferença é a maneira pelas quais são resolvidas. Se você tem um adultério hoje, em alguns lugares, a mulher é morta. Em outros lugares, você vai até um juiz e compensa com alguma coisa, ou divide os bens e resolve. Poderia se dizer, talvez, que o homem criou maneiras mais sofisticadas que naquele tempo, mas os feitos humanos continuam os mesmos. Além disso, o papel da religião é menor.

**Que conselho você daria para brasileiros que querem se iniciar nos estudos das sociedades da Mesopotâmia?**

Primeiramente, vocês de toda a América do Sul deveriam colocar todo o material acadêmico junto, em um só lugar. As bibliotecas são muito caras, ninguém pode pagar sozinho por todo o material. Vocês poderiam fazer um acordo onde seria esse lugar – se em Brasília ou em Buenos Aires – e lá montar um grande departamento de estudos semíticos, com todas as pesquisas já feitas juntas e onde estariam os livros modernos e antigos em vários idiomas. Assim, se alguém precisa fazer uma pesquisa, ele vai para um lugar em que

estará certo de que ele irá encontrar os livros – e os pesquisadores. Caso contrário, você tem que viajar para encontrar os centros que disponibilizam seu acervo e possuem pesquisadores. Custa muito dinheiro iniciar e manter centros de estudo. Nos países ricos nós temos bons centros de estudos nessa área. Nos EUA temos em Yale, Harvard, Chicago e Baltimore. Na Alemanha também temos outros, assim como aqui, em Jerusalém. Penso que as universidades da América do Sul deveriam fazer isso, uma vez que esses importantes estudos referem-se ao início de nossa civilização.